

## MARXISMO, CONCEPÇÃO E MÉTODO

## MARXISM, CONCEPCIÓN E MÉTODO

## MARXISM, CONCEPTION AND METHOD

Andréa Araujo do Vale<sup>1</sup>

**Resumo:** Trata-se de pequena apresentação oral preparada para debate por ocasião do VII EBEM – Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo. Deste modo, o texto não possui um caráter exaustivo e nem se pretende um grande tratado, mas procura recuperar algumas ideias que, no contexto atual, são fundamentais como balizamentos para a “análise concreta da situação concreta”.

**Palavras-Chave:** EBEM; Educação; Marxismo; Concepção, Método; Totalidade.

**Resume:** Esa breve presentación oral preparada para la discusión durante el VII EBEM - Encuentro Brasileño de Educación y el marxismo. Por lo tanto, el texto no tiene un carácter exhaustivo y no siquiera es un gran tratado, sino que trata de recuperar algunas ideas que, en el contexto actual, son vitales como guías para el "análisis concreto de la situación concreta".

**Palabras Clave:** EBEM; Educación; Marxismo; Concepción, Método; Totalidad.

**Abstract:** This short oral presentation was prepared for discussion during the VII EBEM - Brazilian Meeting of Education and Marxism. Thus, the text does not have an exhaustive character and is not a great treatise either, but seeks to recover some ideas that, in the current context, are vital as guideposts for the "concrete analysis of the concrete situation"

**Key Words:** EBEM, Education; Marxism; Conception; Method, Totality.

Trata-se aqui de uma apresentação rápida e simples, para não dizer simplória, parece-me fundamental estabelecer sempre, de saída, algumas definições cruciais para qualquer exposição que envolva a questão do método legado por Marx. A primeira delas diz respeito ao fato de que Marx não legou nem uma doutrina, nem uma mera teoria sobre a realidade social capaz de, a partir do modo como esta se mostra, descrevê-la. Nada mais ilusório.

Marx deixou uma concepção da sociedade burguesa, seu objeto de pesquisa desde 1843/44, a partir de seu encontro, proporcionado por Engels com a Economia Política. Esta concepção, entretanto, só pode ser entendida a partir de seu nexos interno com a prática revolucionária. Elidir sua conexão com a revolução social é, no mínimo, esvaziar seu método de um de seus motores mais pertinentes e, com isso, empobrecer o método de Marx de seu *phatos*. Desastrada tentativa, sempre custosa para os trabalhadores... A preocupação de Marx é marcadamente ontológica e meramente não epistemológica: conhecer um objeto real e determinado, ou no dizer de Lenin, “análise concreta de uma situação concreta”, legando-nos a lógica do Capital, condição necessário para ultrapassar o capitalismo, ou seja, “O agir e o pensar, mesmo

que não nos demos conta disso, sempre implicam a percepção do todo, uma certa visão do conjunto das relações” (ZAGO, 2013, p112).

Neste caso, faz-se mister ainda combater tanto as leituras equivocadas – tanto em outros campos teóricos quanto no próprio marxismo – os determinismos que assolam a leitura de Marx e fazem a alegria dos Pós-Modernos. Se há algo que Marx nunca foi é determinista ou fatoralista – fator econômico, fator cultural, etc., portanto, monocausal e, mais do que as cartas de Marx e Engels com seus correspondentes que o provam, a própria noção de totalidade deveria ser suficiente para tanto.

Há ainda que se combater interpretações sobre a “negligência” de Marx sobre cultura e subjetividade – lembrando que seu objeto é a gênese, consolidação, desenvolvimento e dinâmica da sociedade burguesa, o que inclui a cultura e a subjetividade embora essas não tenha sido objeto de uma obra a parte (mas que se considere conceitos como alienação, fetichismo veremos que essa “negligência talvez seja exagerada” –, bem como ao caráter teleológico do pensamento de Marx – a revolução chegará, ela está inscrita como fim da história, o que não é verdade, de modo algum, para Marx. O fim não está dado de saída porque são os homens que fazem história, embora não na condição escolhidas por eles.

Cabe lembrar que Marx construir sua concepção teórico-metodológica sobre profunda interpretação crítica sobre as obras oriundas do Renascimento e da Ilustração, mas também de sua atividade política no período. É desse processo que se extrai a ideia de que as três fontes essenciais do pensamento político de Marx: a filosofia alemã, o socialismo francês e a economia política inglesa.

É importante estabelecer o que significa o caráter crítico do tratamento que Marx concede a tais obras. Trata-se de “levá-las a sério, examinando suas consequência e pressupostos, desvelando as pré-concepções que as acompanham, submetendo-as a um exame racional rigoroso. É assim, por exemplo, que procedeu com Hegel, com Smith e com Ricardo.

Resulta assim, que o método de Marx é o resultado de um profundo e longo trabalho de análise da sociedade burguesa que se origina em 1843/44 e que leva a primeira elaboração mais ampla em 1857, na Introdução”, redigida em 1857, aos manuscritos que, publicados postumamente, foram intitulados Elementos fundamentais para a crítica da economia política. Rascunhos. 1857-1858 (MARX, 1982, p. 3-21).

Um primeiro ponto fundamental é o entendimento do que é Teoria em Marx. Certamente não é o ato pelo qual, a partir das aparências, se descrevem/explicam os aspectos empíricos e/ou visíveis de certos fenômenos a partir do estabelecimento de relações de causa/efeito. E certamente não é aquilo que os Pós-Modernos definem: jogos de linguagem dos quais a verdade é apenas um efeito de sentido.

A teoria é um tipo específico de conhecimento – existem outros tipos – que se define pelo fato de ser “[...] a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa: pela teoria, o sujeito reproduz em seu pensamento a estrutura e a dinâmica do objeto que pesquisa” (NETTO, 2011, p. 20-21). E tanto mais precisa quanto mais fiel for o pesquisador ao objeto. Esse ponto, inclusive, demarca a diferença entre o método dialético de Marx e o de Hegel: enquanto, para Hegel, o caminho vai das ideias para a realidade – o pensamento cria real, em Marx, as ideias vão da realidade para a consciência.

Ou como afirma Zago (2013, p. 113-114):

Marx e Engels (2007) ao usarem a dialética objetivam suprimir a imediatividade e a pretensa independência com que o fenômeno surge, subsumindo-o a sua essência. Com a dialética os elementos cotidianos deixam de ser naturalizados e eternizados, passando a ser encarados como sujeitos da práxis social da humanidade. Neste sentido, a dialética é um esforço para perceber as relações reais (sociais e históricas) por entre as formas estranhadas com que se apresentam os fenômenos.

Aqui entra em cena uma distinção essencial para o método marxiano: a diferenciação entre essência e aparência, sobre a qual, depois de uma explanação mínima, gostaria de tecer algumas considerações. Embora o método defina que a aparência é aquilo que deve ser ultrapassado para se chegar a essência dos objetos, a aparência é importante, é por onde se inicia o conhecimento e é real, é parte da realidade. O que são as aparências: simultaneamente, aquilo que se mostra e que esconde algo de modo determinado. Isto está posto por Marx.

Gostaria de acrescentar algumas reflexões a este ponto: em um mundo tomado pelas aparências – as imagens, por exemplo, são aparências –, discursos de toda parte por toda parte, o trabalho sobre as aparências se torna mais complexo e, ao mesmo tempo, mais relevante. Pois o emaranhado de aparências – embora estas possam ser frágeis, claramente enganosas, são dotadas de alto poder de falseamento e sedução –, torna o mergulho na essência mais dificultoso. Esse quadro fica talvez mais claro quando examinamos, por exemplo, o atual quadro político do país. Quantas aparências – imagens, discursos, etc., – é necessário desembaraçar para, em um conjunto de procedimentos de análise e síntese capturar a estrutura e a dinâmica do fenômeno (essência), chegarmos à essência do fenômeno, qual seja: a “tunga” que o capital – considerado em sua totalidade mundializada ou no plano da particularidade brasileira – em crise está impondo à classe trabalhadora, seja no plano da relação de assalariamento, seja no sentido dos direitos e políticas sociais.

Perceba-se um outro ponto: o método de Marx visa apreender a estrutura e a dinâmica da sociedade burguesa. O pesquisador é parte integrante do fenômeno que analisa, sua posição é de internalidade, ou seja, qualquer pretensão a externalidade ou a neutralidade no sentido positivista é impossível. Minha pergunta é: ainda que fosse possível, seria desejável? Para que serve um método que não implica o sujeito? Claro fica que esse viés, por si mesmo, deixa uma posição de saída fora da construção teórico-metodológica de Marx que, como vimos, é internamente constituída pela vinculação com o pensamento e a prática revolucionária. E, ainda por cima, profundamente conservadora. Em Marx, o sujeito pesquisador deve ser imensamente ativo e bem-preparado, sendo fundamental no processo de pesquisa. Assim, as técnicas – procedimentos – de pesquisa podem e devem ser os mais variados, capacitando o pesquisador a se apropriar do processo sob análise, da qual não está em externalidade ou neutralidade. Mas esses procedimentos não são o método.

Isso não quer dizer que, para Marx, não haja objetividade no conhecimento teórico, uma vez que a teoria tem a prática social como critério da verdade. É ao ser colocada no teste da prática social que uma teoria prova sua verdade. Por exemplo: a leitura feita por Marx, a partir da definição da estrutura e dinâmica do movimento do capital, sobre as crises cíclicas inerentes ao MPC, como aponta Netto (2011).

Assim, Marx e Engels, em 1845/46, expõem seus pressupostos, mas que não são conceituais, mas reais. Resumindo: são os homens reais, vivendo em condições determinadas, nas quais produzem

materialmente a vida (certas forças produtivas e relações de produção), que produzem ideias e representações. Nesse sentido, o ser social é processo, processo contraditório, que impulsiona superações e novas contradições. É por aí que se desenha a história humana não como um conjunto caótico de acontecimentos ou como obra exclusiva de grandes personagens, mas pela relação entre o “herdado” e o “criado”.

Ressalta-se ainda que, nesse processo, Marx nunca pensa em termos de indivíduos isolados produzindo sozinhos, pensando em termos de indivíduos sociais, aqueles que, dadas certo desenvolvimento das forças produtivas e relações sociais de produção (na sociedade burguesa, organizada a partir das classes). Daí em diante, a dedicação de Marx é entender a sociedade burguesa, entendida como a organização histórica mais diferenciada do ponto de vista da produção, ou seja, objetiva analisar a sociedade burguesa em sua totalidade. E a chave para tanto é compreender como ela produz a riqueza material. É mais uma vez o objeto que define o ponto de partida: é na produção que se ancora a análise da totalidade da sociedade burguesa.

A totalidade social na teoria marxista é um complexo geral estruturado e historicamente determinado. Existe nas e através das mediações e transições múltiplas pelas quais suas partes específicas ou complexas – isto é, as totalidades parciais – estão relacionadas entre si, numa série de interrelações e determinações recíprocas que variam constantemente e se modificam. A significação e os limites de uma ação, medida, realização, lei, etc., não podem, portanto, ser avaliados, exceto em relação à apreensão dialética da estrutura da totalidade. Isso, por sua vez, implica na compreensão dialética das mediações concretas múltiplas que constituem a estrutura de determinada totalidade social (BOTTOMORE, 2013, p. 596-597).

Assim, partindo do empiricamente dado, das suas aparências a serem ultrapassadas, do concreto objetivo, da totalidade concreta, dele se afasta – abstrai em busca de suas determinações mais simples, mais básicas – esse é o movimento da ciência, do exame científico. Depois retorna ao concreto, mas já não como concreto dado, mas como concreto pensado, síntese de muitas determinações (momento essencial constitutivo da realidade) que o pesquisador pode apreender nesse caminho de volta, ou seja, no caminho das determinações mais simples para as mais complexas. Considero exemplar do método o capítulo sobre a mercadoria e seu lugar em *O Capital*. Parte da determinação mais simples até chegar a remontar à totalidade e o faz de saída na obra, demarcando aí uma categoria, um modo de ser do real que pode ser intelectivamente reproduzido pelo pensamento<sup>2</sup>. Nesse caso, o mais complexo ilumina o mais simples.

Para terminar, faltou ainda tratar das duas outras categorias teórico-metodológicas fundamentais para Marx: de contradição e de mediação, ou seja, categorias que alicerçam a relação sujeito-objeto. “A síntese é a visão de conjunto que permite ao homem descobrir a estrutura significativa da realidade com que se defronta, numa situação dada. E é essa estrutura significativa - que a visão de conjunto proporciona - que é chamada de **totalidade**” (KONDER, 1991, p. 18). A totalidade concreta - essa estrutura significativa - é o modo como se interligam certos processos ou elementos e que conformam a realidade. Pode ser mais ampla ou menos ampla, e o nível de totalidade com o qual se defrontar depende do objeto de investigação do pesquisador.

Essa síntese é conformada por mediações e contradições concretas captadas na síntese. Entretanto, não há totalidade sem contradições e mediações, cabendo, para remontar à totalidade concreta, captar tais contradições e o realiza as mediações entre as partes. Mediações são aquelas ações/partes/elementos que conectam partes às outras. Assim, a totalidade concreta – como se afigura a sociedade burguesa - é contraditória (no plano do real), diferenciada, portanto, dinâmica e conformada por mediações internas e externas que conformam o vínculo de uma totalidade com outra e delas com a totalidade mais complexa.

### *Referências bibliográficas*

- BOTTOMORE, Tom. Verbete totalidade. **Dicionário do pensamento marxista**. 2013, 595-596.
- KONDER, Leandro. **O que é dialética?**. 22ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1976.
- NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- ZAGO, Luis Henrique. O método dialético e a análise do real. **Kriterion**. v. 54, n. 127, p. 109-124, Jun 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X2013000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2013000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 30 mai. 2016.

### *Notas:*

<sup>1</sup> Professora Adjunta A1 da Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). Doutora em Políticas Públicas e Formação Humana, em 2011, pelo Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPFH/UERJ). É ainda pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH), onde atua como professora-colaboradora. Email: [andrearaujodovale@gmail.com](mailto:andrearaujodovale@gmail.com)

<sup>2</sup> Também mostra como essas podem, por seu desenvolvimento, iluminar o passado.

Recebido em: 04/07/2016

Publicado em: 08/2016